



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

O SUBJUNTIVO NO ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE LÍNGUA INGLESA: REFLEXÕES GRAMATICAIS E METODOLÓGICAS

Juliana Oliveira de Santana Novais (UEMS/PG)

Mario Marcio Godoy Ribas (UEMS/PG)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

Resumo: A partir de problemas encontrados por falantes de língua inglesa que são alunos de português como língua estrangeira (PLE), este trabalho compara as diferenças estruturais do subjuntivo nas duas línguas supracitadas. Apesar de, em ambas, haver os tempos presente, passado e futuro no subjuntivo, as diferenças são marcantes no português devido às desinências modo-temporais, enquanto, no inglês, os modos indicativo e subjuntivo são muito similares na forma fonética, quando não idênticos. A partir desta análise, investiga-se qual é a abordagem adotada para se ensinar o subjuntivo no livro *Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação* de PONCE, BURIM & FLORISSI (2004). A primeira parte do estudo faz uma análise gramatical das frases com ocorrências de subjuntivo e verifica a gramaticalidade ou agramaticalidade da frase através do julgamento de sentenças. Na segunda parte do trabalho, demonstra-se a ligação entre as abordagens e métodos utilizados no livro didático estudado e aqueles apresentados por RICHARDS & RODGERS (2001)

Palavras-chave: *Subjuntivo; Português como Língua Estrangeira; Metodologia de Ensino de línguas*

Abstract: Since English-speaking students of Portuguese as a foreign language face many difficulties when studying the verbal forms, this study compares the structural differences of the subjunctive in both languages mentioned above. Although, in both, there are the present, past and future tense for the subjunctive mood, the differences are well marked in Portuguese because the inflections which occur in the verbal form of this mood, while in English, indicative and subjunctive are very similar in the phonetic form, if not identical in some situations. In this paper, we investigate which approach is used to teach the subjunctive in the book *Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação* by PONCE, BURIM & FLORISSI (2004). The first part of this study analyses the structures of the sentences which have subjunctive mood, and then verifies their grammaticality. In the second part of the paper, the relations among the approaches and methods used in the teaching book and those presented by RICHARDS & RODGERS (2001) are presented.

Keywords: *Subjunctive; Portuguese as Foreign Language; Methods in Language Teaching*

1. INTRODUÇÃO

O verbo possui uma categoria relacionada à expressão temporal. Essa categoria, por mais que seja reduzida em alguns casos, está presente em todas as línguas¹. Dividida basicamente em passado, presente e futuro. Outra categoria verbal são os modos que, de acordo com Bechara (2001, p. 221), para a língua portuguesa, são divididos conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente, ou seja, para fatos verossímeis ou ainda assumidos como tal será usado o modo indicativo, já para fatos indicadores de incertezas será utilizado o modo subjuntivo. Ainda existem: o modo imperativo, o qual exige um ato em relação ao agente; o modo condicional, que se refere a fatos que dependem de certas condições; e o modo optativo, que se relaciona a ação como desejada pelo agente. Por mais que os modos possam ser divididos em até cinco conforme acima, as gramáticas normativas utilizam apenas os três primeiros supracitados nas suas divisões tradicionais. Os dois últimos (modo condicional e modo optativo) são normalmente inseridos dentro dos demais modos. Na *Moderna Gramática Portuguesa*, por exemplo, Bechara (2001, p. 280) insere o tempo futuro do pretérito, dentro do modo indicativo. Assim, mesmo sendo um tempo no qual, dentro de suas possibilidades, há o emprego para fatos incertos, é considerado pelo gramático acima como *futuro do pretérito do modo indicativo*.

Já na gramática de língua inglesa voltada para o falante nativo, *The Oxford English Grammar* (1996) de Sidney Greenbaum, e também no curso universitário de gramática de língua inglesa, *English Grammar: a university course* (2006), de Angela Downing e Philip Locke, existem diferenças significantes da língua inglesa em relação à língua portuguesa sobre a categorização dos modos e também sobre como o modo subjuntivo ocorre na língua.

The Oxford English Grammar traz a mesma abordagem da *Moderna Gramática Portuguesa*, quando divide o verbo em categorias, dentre elas o modo, porém indica apenas três divisões para tal categoria: indicativo, imperativo e subjuntivo.

¹ Há uma discussão sobre este fato na língua pirarrã. Daniel Everett diz que os falantes dessa língua se expressam somente no presente, porém tal afirmação ainda não foi comprovada.

Por outro lado, Downing, em *English Grammar* (2006, p. 196) diz que o modo do verbo em língua inglesa está mais ligado aos tipos de orações que a conjugação do verbo². Tal declaração é baseada em como os indicadores de tempo e modo estão presentes na frase.

Enquanto em português, como na maioria das línguas latinas, os indicadores de tempo e modo estão inclusos dentro do verbo pelas desinências modo-temporais, em inglês, os verbos regulares permanecem na forma infinitiva sem a partícula *to* que os precedem em todos os tempos e modos, diferenciando-se pelo verbo auxiliar que os precedem, pela posição na frase ou pelo contexto. A essa regra, são exceções o passado simples, que recebe a desinência modo-temporal *-ed* em todas as suas pessoas e também a 3ª pessoa do singular no presente simples do modo indicativo que, apesar de não receber uma desinência modo-temporal, recebe a desinência número-pessoal *-s*. Também é exceção a 3ª pessoa do subjuntivo presente.

Assim é possível identificar em português que a forma verbal *cantarei* está relacionada à 1ª pessoa do singular do futuro simples do modo indicativo, enquanto, para se expressar o mesmo em inglês, será necessário um auxiliar, neste caso *will* ou *to be going*: *will sing / is going to sing*, mais um pronome pessoal, já que não há desinência número-pessoal inclusa na forma verbal.

Logo, para se compreender o que Downing propôs e está exposto acima, é preciso entender o que vem a ser modo e modalidade.

2. MODO E MODALIDADE

Ainda que mais difundido que modalidade, a definição de modo não é consensual. Aqui adotamos a definição de Bybee (1985, p. 166), a qual diz que o modo verbal é uma categoria que possui desinências com as quais o falante escolhe como deseja se pôr dentro do discurso. Em apenas algumas línguas, as indicações modais como obrigação, habilidade, permissão, possibilidade ou intenção estão presentes dentro de uma desinência verbal.

Já para modalidade, erroneamente se assume que é a gramaticalização das atitudes e opiniões dos falantes, porém Bybee (1994, p.181) informa que uma definição sucinta sobre modalidade é praticamente impossível. Apesar de não tentar definir a modalidade, Bybee sugere que a modalidade está conectada às palavras que trazem carga semântica de obrigação, probabilidade ou possibilidade, por

² In *English*, mood has to do with clause types rather than verb inflection. Abordaremos sobre isso no capítulo 4.

exemplo. Logo não se limita a desinências ou categorias específicas de palavras, mas sim a um domínio conceitual que engloba vários tipos de expressão.

3. O SUBJUNTIVO EM PORTUGUÊS

O subjuntivo em português é dividido em três tempos: presente, passado imperfeito e futuro. Normalmente é utilizado em orações subordinadas, porém também ocorrem em orações chamadas independentes, sobre as quais discorreremos mais à frente.

Para as subordinadas, um dos casos mais usuais de ocorrência do subjuntivo em português é em orações subordinadas substantivas. O uso nestas condições exige um verbo volitivo ou verbo que indica incerteza.

Logo, na frase (1a), a carga semântica que expressa vontade exige que o verbo venha no subjuntivo³, entretanto determinados falantes não percebem a frase (1b), que usa o indicativo, como agramatical.

(1a) Meu pai espera que eu tome o leite.

(1b) ? Meu pai espera que eu tomo o leite.

É importante notar que os conceitos de modo *realis/irrealis*⁴ (relacionados com os modos verbais) nem sempre interferirão no uso do subjuntivo já que manifestações de desejo como da frase (1b) caracterizam-se como *irrealis* e trazem o verbo no modo indicativo. Contudo é possível verificar que, em alguns casos, a diferenciação entre esses dois modos será necessária para o uso do subjuntivo ou não, como nos exemplos (2a) e (2b).

(2a) Se ele esteve aqui, eu não o vi. (realidade)

(2b) Se ele estivesse aqui, eu não o veria. (conjectura)

O uso do subjuntivo também poderá ocorrer em orações consideradas independentes à primeira análise. Nestes casos, a marca de modalidade estará presente nos verbos como também na palavra indicadora de incerteza ou desejo com *talvez*, *tomara* ou *oxalá*, por exemplo.

(3a) Talvez ele compre mais açúcar à tarde.

³ Essa necessidade de o tempo da oração encaixada depender do tempo da oração principal é conhecida como *consecutio temporum*.

⁴ Não entraremos em detalhes sobre os conceitos de *realis* e *irrealis*, pois existem trabalhos consistentes sobre esses assuntos. Para mais informações sobre o assunto, cf. Bybee (1994) e Nordström (2010).

Na frase (3a), a desinência *-e* presente na forma verbal é a marca do modo subjuntivo, considerando-se a 3ª pessoa do singular do presente e também o verbo de 1ª conjugação. Entretanto a modalidade *possibilidade* não é unicamente representada pela marca *-e*. A expressão *talvez* está também fortemente relacionada ao modo subjuntivo. Ao se retirar, esta expressão a frase se torna agramatical.

(3b) * Ele compre mais açúcar a tarde.

Portanto, nos exemplos acima, o uso do subjuntivo, por mais que tenha uma marca específica que indique possibilidade, ainda exige outro elemento para complementar a modalidade. No entanto, ao usar a expressão *talvez*, não há a obrigatoriedade de se usar o modo subjuntivo, pois a própria expressão possui forte carga semântica relacionada à possibilidade, conforme abaixo.

(3c) Talvez ele vai comprar mais açúcar à tarde.⁵

Porém a alteração por outra palavra modalizadora que tenha carga semântica similar deverá ser analisada individualmente, já que as estruturas são diferenciadas.

(4a) Tomara que ele compre açúcar mascavo.

(4b) Tomara que ele compra açúcar mascavo.

(5a) Oxalá (que) ele compre açúcar mascavo.

(5b) ? Oxalá (que) ele compra açúcar mascavo.

Nos casos acima, por mais que não haja outro verbo, é possível entender que tais palavras trazem implicitamente expressões que se relacionam diretamente a um sintagma verbal implícito como *É possível (que)* ou *Eu desejo (que)*. Assim a frase (3a) ao ser analisada, terá a mesma estrutura, inclusive na aceitação de [+ subj] ou [-subj] para o verbo da subordinada.

Uma possível explicação para este fato diz respeito à etimologia de tais palavras conforme Azevedo (1976, p. 45). Bueno (1967 *apud* Azevedo, 1967) informa que *tomara* vem do verbo *tomar* que em uma de suas acepções significava *desejar; querer, com instâncias*. *Oxalá* é uma expressão árabe *in sa Allah* que significa “se Deus quiser” (Houaiss, 2009), portanto proveniente de um verbo volitivo. Contudo a relação verbo-significado atual da palavra *talvez* é considerada obscura, já que não foi encontrada nenhuma fonte que a relacione a um sintagma verbal de maneira direta.

⁵ Apesar de os gramáticos normativos não aceitarem este uso, a utilização do indicativo ao invés do subjuntivo é muito difundida no português do Brasil. Cf. Gonçalves (2003) e Ribas (2012).

Assim ao considerar as frases acima, é possível concluir que, ao menos, *tomara* e *oxalá* são expressões invariáveis oriundas de ao menos um elemento verbal, o que corrobora a hipótese de essas expressões serem consideradas como oração principal, pois trazem um verbo implícito em sua estrutura.

4. O SUBJUNTIVO EM INGLÊS

Quando Downing (op. cit) diz que a língua inglesa está mais relacionada ao tipo das orações que ao modo, uma das razões é o fato de na língua inglesa praticamente não haver marcação desinencial nos tempos verbais, inclusive no subjuntivo, fazendo que as ideias representadas pelas modalidades sejam demonstradas por expressões, como na frase abaixo que é uma tradução da frase (1a).

(6a) *Maybe he will buy more brown sugar.*

A forma verbal utilizada, *will buy*, está no *simple future* no modo indicativo, portanto a marcação de possibilidade vem totalmente da palavra *maybe*.

Enquanto a retirada da palavra *maybe* em português torna a frase agramatical (1b), no inglês haverá uma mudança semântica.

(6b) *He will buy more brown sugar.*

Logo nota-se que em português, em alguns casos, são necessárias duas marcações para que a indicação de certa modalidade (*possibilidade* no caso acima) aconteça. Essas indicações podem ser uma expressão como *talvez* mais a desinência verbal indicadora de subjuntivo. Note que a expressão pode ser uma palavra ou mesmo o verbo da frase principal. Porém, no inglês, somente em alguns casos ocorrerá uma marcação clara por desinência ou alteração da forma verbal. Muitas vezes, como visto acima, em português, a expressão que tem a carga semântica modalizadora contém implicitamente um elemento verbal.

O mesmo pode acontecer no inglês já que a etimologia de algumas palavras está relacionada diretamente a um verbo, como é o caso de *maybe*⁶, que foi originado a partir da junção de *may* mais *be*⁷.

Outra palavra que indica possibilidade é *perhaps*, formada pela junção da preposição latina *per* mais *hap* (*chance*). Assim podendo se relacionar com expressões como *There is a chance (that)...*

⁶ *talvez*, em português

⁷ *poder* mais *ser*, em português

Em ambos os casos, o verbo que vem logo depois da expressão não é [+subj], mas simplesmente o indicativo. Como o indicativo é usado na grande maioria dos casos, a semelhança entre o presente do indicativo (marcado com *-s* apenas na 3ª pessoa do singular) e infinitivo para o presente do subjuntivo em inglês faz com que aqueles que falam a língua inglesa como segunda língua bem como para os falantes nativos não utilizem o subjuntivo em muitas situações nas quais poderia ser utilizado.

Tal semelhança também acarreta dificuldades para os falantes do inglês ao aprenderem o português como língua estrangeira. A semelhança dos tempos/modos citada acima inibe o uso do subjuntivo em português para esses falantes.

A tradução da frase (1a) resulta em (7).

(7) My dad expects me to drink milk.

A forma verbal neste caso está no infinitivo, não no subjuntivo como em português, ou seja, não apresenta desinências tanto modo-temporal quanto número-pessoal.

Também o subjuntivo do português pode resultar em indicativo no inglês, com formas verbais muito semelhantes ao do subjuntivo.

(8a) I hope they get the job.

Da mesma maneira, não há desinências para a forma verbal acima, entretanto ao se utilizar a 3ª pessoa do singular, adiciona-se a desinência número-pessoal *-s*.

(8b) I hope she gets the job.

Em alguns casos, o subjuntivo acontece como em português, principalmente no uso de verbos como *suggest*, *demand*, *recommend* e *propose* na oração principal.

(9a) The teacher demands the students open the book.

(9b) The teacher demands the student open the book.

Em (9a), a forma verbal é idêntica ao *simple present*, e, em (9b), a forma verbal é idêntica ao infinitivo sem *to*, porém a forma verbal está no subjuntivo e não possui quaisquer desinências em nenhuma das pessoas. Assim, devido às semelhanças na forma fonética, os falantes utilizam o indicativo pelo subjuntivo criando frases como (9c).

(9c) ? The teacher demands the student opens the book.

O símbolo “?” poderia até mesmo ser retirado, já que a utilização do indicativo pelo subjuntivo depois de verbos como “to demand” é muito utilizada e aceita pelos falantes. Esses tipos de ocorrências levaram Downing (2006, p. 196) a afirmar que, em língua inglesa, o uso do subjuntivo perdeu campo,

principalmente nos casos que expressam fatos *irrealis*. Seu uso permanece em expressões fixas como as abaixo:

(10) Long live the Queen.

(11) Far be it from me to doubt your word.

Uma possibilidade para a diminuição de uso é a semelhança com o infinitivo ou com a maioria das pessoas do *simple present*. Neste ponto, é importante notar que mesmo sendo as formas fonéticas idênticas, as formas lógicas são diferentes.⁸

Todavia permanece o uso em situações formais. Nas situações menos formais o subjuntivo, principalmente no Reino Unido, é substituído pelo indicativo ou ainda por *should* + infinitivo.

Assim, as frases abaixo são apenas variantes da mesma estrutura profunda.

(12a) Mark suggests (that) she go to a school where Portuguese is taught.

(12b) Mark suggests (that) she should go to a school where Portuguese is taught.

(12a) ? Mark suggests (that) she goes to a school where Portuguese is taught.

Até este ponto, a análise foi feita apenas considerando-se o presente do subjuntivo, contudo não há grande variação para o passado do subjuntivo, que se diferencia do passado do indicativo apenas na 1ª e 3ª pessoa do singular do verbo *to be*, assim as formas verbais, tanto regulares como irregulares do passado do indicativo e do subjuntivo são idênticas nas suas formas fonéticas.

(13) If I were a superhero, I would be Wolverine.

(14) If I had a million dollars, I would buy a Ferrari.

Note que ambas as frases estão no passado, porém a forma verbal se distingue apenas em (13), já que em (14) a forma é idêntica ao passado simples. Assim o falante encara novamente mais um problema durante o uso do subjuntivo em inglês devido à semelhança das formas verbais.

5. METODOLOGIA NO ENSINO DE UMA LÍNGUA

A necessidade de se comunicar em outras línguas nunca foi tão expressiva, visto o aumento das migrações e as necessidades de comércio entre países com línguas distintas. O Brasil, sendo a sétima

⁸ Alguns gramáticos como Bechara (2001), mais uma vez equivocadamente, informam que o modo subjuntivo é usado para se expressar ordem, todavia apenas as formas fonéticas são as mesmas, pois a carga semântica da modalidade do verbo em frases como *Venha logo!* e *Espero que ele venha logo* são completamente diferentes. Note que a primeira indica ordem e a segunda tem na forma verbal carga semântica de modalidade vazia, pois a modalidade de desejo é expressa pelo verbo *esperar*.

economia do mundo, não foge ao padrão. Muitos são os estrangeiros que vêm para o país com intuito de morar ou manter negócios. Sendo assim, para esses estrangeiros, aprender o português brasileiro se tornou essencial.

A aquisição, como o ensino de uma segunda língua, não é tarefa fácil visto as inúmeras reclamações dos discentes e educadores da área. Assim, tanto os professores como os alunos buscam, nas metodologias e nos livros didáticos (doravante LD), o auxílio para o processo de aprendizagem. Mesmo aqueles professores que preferem criar o próprio material baseiam-se muitas vezes nos exercícios dos LD. Desta forma, se justifica o estudo das metodologias utilizadas nos LD que será de importância para aqueles que pretendem ensinar e aprender uma segunda língua.

Para um melhor entendimento do assunto, é importante ressaltar a diferença entre método e abordagem que, de acordo com Leffa (1988, p. 212), a diferença é que “abordagem é o termo mais abrangente e engloba os pressupostos” e método “[...] tem uma abrangência mais restrita e pode estar contido dentro de uma abordagem. Não trata dos pressupostos teóricos da aprendizagem de línguas, mas de normas de aplicação desses pressupostos”.

Dessa maneira, como bem lembra Mendes (2006, p. 11):

Os LDs ocupam um lugar de relevância no processo de ensinar-aprender línguas estrangeiras. A maioria desses materiais enfatiza a preocupação em proporcionar aos aprendizes a aquisição de uma língua para a comunicação, contudo nem sempre é exatamente isso que se verifica. É possível observar que muitos dos LDs disponíveis para o ensino de português como segunda língua guardam mais traços de uma abordagem tradicional de ensinar e aprender línguas.

Sendo assim, nesse trabalho, partiremos das metodologias elencadas por Richards & Rodgers (2001) no livro “Approaches and Methods in Language Teaching”⁹ para analisarmos os exercícios referentes ao ensino do subjuntivo contidos no livro¹⁰ de português “Bem Vindo! A língua Portuguesa no mundo da comunicação” escrito por Ponce, Burim & Florissi (2004).

No livro do aluno - *Bem Vindo!* - o subjuntivo está dividido nas unidades 05 (cinco) e 06 (seis). A primeira parte trabalha com o presente e o futuro do subjuntivo e a segunda, com o imperfeito do subjuntivo. As duas unidades iniciam-se com a parte denominada *Aprenda*, que contém diálogos

⁹ Tradução nossa: “Abordagens e métodos no ensino de língua”

¹⁰ Utilizamos para a análise o livro dos alunos e o manual do professor..



situacionais independentes da gramática a serem exploradas. Em seguida, é apresentado um texto com várias partes destacadas buscando mostrar os pontos gramaticais a serem trabalhados. O livro traz exercícios de fixação, os quais estão conectados à gramática, sendo eles atividades tanto orais como escritos. No final da unidade existe uma seção denominada *Gramática* que traz quadros com as regras gramaticais.

Já o livro do professor contém instruções breves de como trabalhar com as unidades e traz informações extras sobre a cultura do Brasil e algumas dicas de como ensinar os vocabulários e a gramática.

Os LD ao serem produzidos são baseados numa abordagem ou método, o que é confirmado por Vilaça (2012, p.56) ao dizer que “a elaboração de um material didático tende a ser precedida por escolhas metodológicas e pelo estabelecimento de princípios, objetivos gerais e específicos”.

Desta forma, é que tomando o livro didático *Bem Vindo!* tanto do aluno como do professor e o livro *Approaches and Methods in Language Teaching* é que podemos deduzir a influência da abordagem *The Oral Approach and Situational Language Teaching (SLT)*.

De acordo com os autores Richards & Rodgers (2001, p. 36), a abordagem citada, apesar de ser utilizada na elaboração de vários livros didáticos e cursos, é pouco conhecida pelos professores. Essa abordagem originou-se com trabalhos de linguistas aplicados britânicos no início do século XX. Os estudiosos da área buscavam desenvolver de forma científica uma abordagem que desse maior destaque para o trabalho com a oralidade do que aquele que se encontrava no *Método Direto*.

Na abordagem, SLT as estruturas eram sempre ensinadas através de sentenças e o professor servia de modelo. Aos alunos eram dadas várias chances de utilizar a língua e os professores deveriam estar sempre atentos quanto aos erros gramaticais e estruturais.

As principais características da abordagem de acordo com os autores (op. cit.) são:

1. O ensino da língua começa com a fala. O material é apresentado oralmente antes de ser apresentada a forma escrita.
2. A língua alvo é a língua da sala de aula.
3. Novos pontos da língua são apresentados e praticados de forma situacional.
4. Uma seleção de vocabulários é apresentada para garantir que o mínimo seja aprendido.
5. Itens gramaticais são ensinados gradualmente seguindo o princípio de que formas simples devem ser ensinadas antes das complexas.

6. Leitura e escrita são introduzidas uma vez que a base mínima de léxicos e gramática esteja estabelecida.

Dessa forma, é possível observar que o livro *Bem Vindo!* encontra-se dentro da abordagem SLT, uma vez que o material apresenta as estruturas estabelecidas acima como o de começar com a oralidade, apresentar as unidades com um diálogo situacional, para em seguida mostrar um grupo de vocabulários e apresentar as estruturas gramaticais de forma gradual. É o que podemos observar no trecho retirado do manual do professor:

A partir desta unidade, estaremos apresentando DIÁLOGOS SITUACIONAIS. Foram escolhidas as situações mais comuns com que um estrangeiro se defrontaria chegando ao Brasil. São apenas exemplos; portanto, sugerimos ao professor formular perguntas diversas para que os alunos, através do uso, consigam memorizar as expressões mais costumeiras. Na parte do VOCABULÁRIO RELEVANTE (U.6 a U.8), listamos os termos e as palavras relacionadas a cada situação. Seu uso vai depender da criatividade dos alunos e do professor. (PONCE, BURIM & FLORISSI, 2009, p.54)

Apesar de os autores sugerirem diálogos situacionais, as situações colocadas nos exemplos não trazem nenhuma menção às variantes linguísticas, quaisquer que sejam. Na unidade 5 do livro do aluno (PONCE, BURIM & FLORISSI, 2004, p.43-45), a que trata especificamente sobre o presente e futuro do subjuntivo, há, como exemplos, três redações supostamente feitas por alunos de PLE. Os textos trazem expressões pouco usadas (p. ex.: *É pena que; Receio que*) e seguem estritamente à gramática normativa. Das 13 ocorrências, todas estão no subjuntivo e não há menção de que o aluno possa ouvir, em conversas reais, o uso do indicativo como equivalente do subjuntivo, como tratado nas reflexões gramaticais presentes nos capítulos iniciais de trabalho.

É importante ressaltar que os autores têm como objetivo que os alunos memorizem o vocabulário relevante e as expressões mais costumeiras, todavia apresentam palavras que são passíveis de se abrir discussão sobre a sua relevância imediata para o conhecimento dos estudantes. Especificamente neste capítulo, pode-se encontrar palavras como *butique, flocos de milho e laticínios*.

Ainda podemos adicionar o aspecto visual que em muitos casos não está relacionado com o assunto tratado. No mesmo capítulo, há um quadro onde se estruturam orações principais como o verbo *querer* e se solicita que o aluno as complete. Este mesmo quadro é “erguido” por um levantador de peso que não tem relação alguma com a atividade ou o assunto em questão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, no que se refere às reflexões gramaticais, é um trabalho em andamento sobre o subjuntivo em português e inglês. Até o momento, é possível verificar que, conforme Downing (2006), a maior diferença entre as duas línguas recai no fato de o inglês ter suas frases fortemente fundadas na modalidade, enquanto, em português, o modo ainda é relevante na estrutura da frase. Ainda não há dados suficientes para se afirmar que o uso do subjuntivo tem sido reduzido em português com o decorrer do tempo. Há divergências entre pesquisas¹¹ e não há dados orais antigos para serem analisados. Por ora é preciso coletar dados e fazer futuras análises.

No entanto, o mesmo não se pode dizer da língua inglesa, na qual o uso do subjuntivo está praticamente extinto e se mantém apenas em usos esporádicos e formais.

À primeira análise, também podemos concluir que as formas fonéticas – desconsiderando por motivos óbvios as diferenças de léxico – de frases que tenham como origem a mesma estrutura profunda em português ou inglês serão muito diferentes uma das outras. As diferenças ocorrerão no momento em que o inglês exclui o subjuntivo para incluir, em certos casos, o modal *should*. Também o inglês difere quanto à obrigatoriedade de uso de [+ind] quando é antecedido por uma palavra modalizadora. Outro ponto é a relação entre *irrealis* e subjuntivo. Em português, a modalidade *irrealis* pressupõe, em muitos casos, o uso do subjuntivo, já, em inglês, o uso cria frases agramaticais.

A partir dos dados apresentados, para dar continuidade ao trabalho em futura pesquisa, serão analisadas as estruturas utilizadas pelo falante de inglês ao falar português, com a finalidade de verificar se aqueles que estão aprendendo ou aprenderam português conseguem internalizar as estruturas desta língua.

Já, em relação às reflexões metodológicas, verificamos que a abordagem utilizada é *The Oral Approach and Situational Language Teaching*. Também foram identificados alguns pontos passíveis de melhoras para que o aluno possivelmente tenha um melhor desenvolvimento na sua aprendizagem da língua. No caso, foram feitas breves observações sobre o léxico, a ausência de informação sobre variantes linguísticas e também a conexão entre imagem e conteúdo.

¹¹ Cf. Vieira (2007) e Ribas (2012)



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Este trabalho, portanto, traz informações com as quais se espera que os estudos de língua portuguesa como língua estrangeira possa avançar, fornecendo subsídios para que novos trabalhos possam ser realizados e novos livros didáticos possam auxiliar de melhor maneira os alunos no aprendizado.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. M. *O subjuntivo em português: um estudo transformacional*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BARIZON, T. Faces do Brasil e dos brasileiros em imagens de livros didáticos de português para estrangeiros. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BYBEE, J. *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- BYBEE, J; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: Tense, aspect and Modality in the Languages of the world*. Chicago: Chicago Press, 1994.
- DOWNING, A.; LOCKE, P. *English Grammar: a University Course*. 2ed. Oxon: Routledge, 2006.
- FERREIRA, A. B. H. *Houaiss Eletrônico*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- GREENBAUM, S. *The Oxford English Grammar*. New York: Oxford University Press, 1996.
- LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.
- MENDES, K. A. *Português língua estrangeira: uma análise do livro didático*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- NORDSTRÖM, J. *Modality and Subordinators*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- OTHERO, G. A. *Teoria X-Barra: Descrição do português e aplicação computacional*. São Paulo Contexto, 2006.
- PONCE, M. H. O.; BURIM, S. R. B. A.; FLORISSI, S. *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*. 6 ed. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2004.
- _____. *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação: português para estrangeiros: livro do professor*. 4 ed. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.
- RIBAS, M. M. G. Uma abordagem sociolinguística do modo subjuntivo na cidade de Campo grande – MS. In: *Revista Philologus*. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2013. Ano 19,



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

n. 55 Sup. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/054.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

RICHARDS, J.C, RODGERS, T.S. *Approaches and Methods in Language Teaching*. 2 ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

VIEIRA, M. M. M. Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o Francês do Canadá. 2007. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

VILAÇA, M. L. C. A elaboração de materiais didáticos de línguas estrangeiras: autoria, princípios e abordagens. IN: *Cadernos do CNLF*. Vol. XVI, Nº 04, t. 1, p. 51-60. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/004.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2013.